



Angélico é o novo e misterioso personagem que desembarca na novela *Três Graças*

Arquivo Pessoal



Na portuguesa *Cacau, matador de aluguel*

Arquivo pessoal



Um delinquente em *Texas*, trilogia iraniana

o estimula. Sua primeira novela na Globo foi *Amor à vida*, em 2013, como um abusador masoquista chamado Ivan, e, desde então, ele se aventurou em outra geografia da ficção. Em *Verdades secretas* e *Verdades secretas II*, viveu Igor, um cara de moral incerta, o que acabou se tornando uma marca inovulnária. Ele ri: "Ivan era um grande FDP. Igor era

Da Europa ao Oriente Médio

Quem vê Adriano hoje, com o domínio sereno de quem pisou palcos estrangeiros, talvez não imagine o tanto de chão que ele percorreu. Foi Raul Cortez quem lhe disse, em uma palestra da juventude: Viajem. Não importa a distância; importa a ampliação do olhar. Ele viajou, e viu. O que encontrou do outro lado do oceano o modifcou profundamente. "Trabalhar com pessoas que, a priori, eram tão diferentes de mim e, depois, quebrar o paradigma ao me enxergar nelas, como em um espelho... isso é lindo", celebra, como quem descobriu que o mundo cabe num set de filmagem.

Seu início em Portugal foi um pouso suave, sem as resistências que esperava. "Foi mais fácil que no Brasil", ele ri, como quem ainda estranha essa facilidade. O público acolheu, os colegas abraçaram e o sucesso veio rápido, com novelas premiadas — como *Ouro Verde*, que, assim como a brasileira *Verdades secretas*, ganhou o Emmy Internacional — e audiência fiel. Mas, com o tempo, um incômodo brotou silencioso: "Eu entendi que sempre seria considerado estrangeiro. Isso fez sofrer". Ao mesmo tempo, foi lá que ele se encontrou como apresentador, ao vivo, sem quarta parede, sem o escudo do personagem. No comando do *Somos Portugal*, entrevistando portugueses, descobriu que também ali existe dramaturgia.

A aventura iraniana foi ainda mais inesperada. Um filme rodado no Brasil, o choque cultural como enredo, legendado para um público distante. O sucesso do longa *Texas* explodiu no Oriente Médio, e quando chegaram as sequências, já era ele quem atravessava o mapa para filmar em Teerã. "Tive que me beliscar para acreditar", emociona-se. O país que muitos não conhecem fora dos notícios o acolheu com entusiasmo e poesia. "O Irã é lindo. Cultura rica. Uma arte poderosa. Uma culinária que nunca vi igual", elogia. Foi ali que o leonino decidiu ir além do encantamento e entrar de fato na língua: aprender persa para fazer personagens que falassem com o público no idioma deles. "Quanto mais consigo me comunicar, mais me estimulo", garante. Seu quarto filme no Irã, *Man with glasses*, ele gravou quase todo em persa, apenas com algumas cenas em inglês. Que ator de novelas brasileiras pode dizer o mesmo?

Entre cafés inexistentes nos intervalos de gravação iranianos — sempre chá — e taças de vinho no almoço nas equipes portuguesas, ele foi colecionando diferenças que, no fundo, revelavam semelhanças. "Produção audiovisual é produção audiovisual no mundo inteiro", assinala. Onde há câmera, há humanidade, e é nela que Toloza se alicerça.

Personagens tortos

Talvez por essa dedicação os personagens tortos sempre o tenham encontrado. "Ou eu a eles", pondera. O risco de ser tipado o assombra, mas também

moralmente ambíguo. Nos filmes iranianos, fiz vilão. Em Portugal, também. Talvez pelo meu físico...", brinca.

Depois, fica sério: "Claro que há um risco de ser tipado. Isso pode esconder algo maior, ainda não visto no ator. Se enxergam só o que já deu certo, escondem algo ainda melhor", avalia ele, cujo desejo, agora, é abrir novas fissuras: fazer um padre, um homem em delírio, um morador de rua. O que Toloza busca é o oposto do que se espera do corpo, da voz e do sorriso que ele carrega.

No retorno ao Brasil, há no seu olhar uma mistura de recomeço e continuidade. O público talvez o receba como quem reencontra alguém que nunca foi embora. Ele, por dentro, sabe que não é o mesmo. Traz consigo idiomas, sabores e saudades. E histórias que só o tempo fora de casa é capaz de moldar. "Minha essência é a mesma: comunicar, causar sentimento, fascinar-me com a magia da interpretação", reitera, mas ciente de que, agora, essa essência fala com mais vozes.

Alma de dramaturgo

O porto principal continua sendo a atuação. Em Portugal, atuou em *Valor da vida* e *Na corda da bamba* e *Cacau* — com cenas gravadas no Brasil, como um matador profissional. Aqui, emendou a última temporada da série *Reis* e a macrossérie *Paulo, o apóstolo*, ambas na Record, retornando à emissora depois do sucesso de *Os dez mandamentos*, exibida em 2015. Seja lá ou cá, Toloza está firme ali, onde começou, mas ele confidencia que outras margens acenam. "Tenho alma de dramaturgo", adianta, como quem entendeu que escrever não é mais um segredo, e sim um chamado para projetos que aguardam a hora certa de nascer.

Para quem sonha com caminhos parecidos, Toloza não disfarça o realismo. E coa a veterana Fernanda Montenegro: "Desistam. É verdade. Se não são fortes o suficiente para resistir, para se decepcionar, para se frustrar, para esperar uma eternidade, desistam. Agora, se a paixão e o desejo são maiores que esse sofrimento inevitável, bem-vindos! Meu conselho é: aproveitem o processo e sejam o menos ansiosos possível. Se a paixão for maior que o sofrimento inevitável, bem-vindos."

Enquanto fala, ele faz pequenas pausas, como quem ainda saboreia o que viveu. E quando o assunto é gastronomia, os olhos brilham. Os temperos persas, as feiras portuguesas, os pratos que descobriu nas cidades do interior onde gravou... Ele leva consigo aromas que não se traduzem, pois há experiências que a memória guarda como abrigo.

Adriano Toloza está de volta, mas ele não desembarca igual. Volta maior, mais profundo, repleto de rostos que foram dele, de público que o reconheceu longe de casa. E com mistérios, como seu Angélico. Com a certeza de que a arte pode levar um rapaz brasileiro a se tornar fluente em persa para continuar contando histórias, ele pousa onde tudo começou, trazendo o mundo no bolso.